

O entardecer

segundo Jacinto Felizardo

I

O silêncio e a solidão desembrulham e revelam, a enigmática linguagem das sombras, e eu há muito tempo que a vou aprendendo. Até dispensei o relógio, libertando o pulso, porque aprendi a ler as horas no rodopiar lento, e sobre a calçada, das linhas que o sol vai roubando ao generoso limoeiro, que em viço e frutos se avista da janela desta sala contígua ao meu pequeno quarto de dormir.

É verdade que também conto com a perseverança e a fidelidade da muito afinada campainha, que, às vezes, parece obstinada em recordar-me o momento de cada refeição, sendo certo que o verbo comer, juntamente com o seu congénere esperar, é, indiscutivelmente, o mais relevante que eu tenho para conjugar após o romper de cada madrugada.

Sempre com a muito doce e suave cumplicidade dos meus fiéis companheiros de viagem.

Estamos conscientes de habitar, sentados e tranquilos, a plataforma do derradeiro cais da nossa longa história, rogando em surdina, ao céu e à sorte, que não se preocupem em demasia, e que não se empenhem muito em acelerar o comboio para a nossa viagem.

Poderá ser uma locomotiva movida a carvão, já velha e lenta, daquelas que libertam os ciscos pelas encostas aonde as nossas memórias persistem, agarradas a tantas raízes.

Perguntar-me-ão, com toda a legitimidade, porque começo por vos falar das horas, sendo que o tempo, como assunto, serve apenas como muleta para quem não tem mais nada de pertinente ou interessante para dizer, mas estando eu aqui, pouco mais, para além das horas, assim, largas e quase vazias, me resta de relevante para vos contar.

Tudo aquilo que está vazio de gente parece maior, para

Título
O entardecer segundo Jacinto Felizardo

Texto
© Francisco Caeiro

Coordenação da Edição
Alfarroba

Design e Paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e Acabamento
Europress

ISBN
978-989-9068-78-0

Depósito Legal
514 932/23

1.ª edição, maio 2023

uma edição da Alfarroba
© maio 2023, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.

além de facultar e nos oferecer, por entre o silêncio, o eco guardado nas memórias. E o tempo cumpre esta mesma sina de uma sala qualquer.

Sinto também, definitivamente, que a idade vai roubando às horas, o conteúdo e o interesse, frenando-lhes o ímpeto, e tornando-as quase tão lentas quanto eu nos passos que dou com a ajuda da bengala de madeira que já foi do meu amigo Américo, um grande colecionador das ditas, sempre empenhado em dar-lhes um toque muito pessoal.

– Já que necessitamos deste apoio extra, que ao olharem para as minhas bengalas não digam que vai ali mais um velho, e continuem a tratar-me pelo nome de batismo – dizia.

Tinha absoluta razão, porque, independentemente de ser mal ou bem, seja lá isso aquilo que for, só nos pertence, verdadeiramente, aquilo a que oferecemos a nossa cor.

Às vezes, quando o sol me anima e envaidece, vou almoçar ao refeitório grande, e fico sentado na mesma mesa do José e do António, homens da minha geração, mas que estão alojados nos quartos do edifício principal desta residência para onde vim morar há cerca de dois anos.

Há quartos individuais, e outros, maiores, com duas ou com três camas paralelas, agrupados em dois corredores de grandes dimensões: um destinado aos homens e o outro às mulheres.

Num outro corredor, bem mais pequeno, existe uma meia dúzia de quartos destinados ao alojamento dos casais que resolvam mudar-se para cá. E, de facto, não são muitos aqueles que o fazem, oferecendo-nos a noção de que fomos todos recrutados, ou resgatados, da solidão.

Eu, por gozar deste luxo de me encontrar num pequeno apartamento, numa ala à parte e à esquerda desse edifício, tenho sempre a possibilidade de fazer as minhas refeições aqui, sozinho, na mesa redonda desta pequena sala onde também tenho a televisão, os meus livros favoritos, alguns álbuns de música, e mais alguns objetos que selecionei de entre os muitos que tinha na última casa que habitei, no centro de Lisboa.

Porém, há muitos dias em que me apetece a companhia destes meus dois amigos, que, de facto, só conheci aqui na residência, e sinto, ao mesmo tempo, que a minha presença também é importante, e muito apreciada por eles.

Leio-lhes o sorriso.

Proporcionamo-nos mutuamente, enfeitando a espera, uma muito agradável animação, tecida de conversa e atenção.

Falar, é verdade que até conseguimos fazê-lo para as paredes, mas e o sublime prazer de ter alguém que nos escute, que atente ao que digamos, e que nos responda?

O corpo agora algo encurvado bem tentou, mas não conseguiu roubar muita da altura generosa do José, que mantém o porte elegante do militar que foi durante quase toda a vida adulta, e não só...

– Já nasci militar, embora só tenha vestido a farda por volta dos vinte anos, ao ser incorporado – diz muitas vezes – até porque nem o senti como obrigação, mas delicioso prazer.

Mantém-se forte na ausência de gorduras e da habitual proeminência da barriga, resistindo ao assalto que a idade sempre faz aos músculos, é calvo e com um bigode totalmente branco e farfalhudo, que diz ser tão antigo quanto os primórdios da sua pilosidade corporal.

– Não me recordo de nenhuma ocasião em que uma lâmina me passou entre o lábio superior e o nariz – afirma com orgulho, sempre que lhe elogiam o bem tratado e piloso adorno facial.

É viúvo há pouco mais de três anos, e veio morar para aqui depois da morte da mulher, insistindo em usar roupas num tom muito escuro, aqui e ali, aliviado até um cinzento mais claro.

– Esta é a minha sepultura de luxo e com janelas, porque eu morri com a minha Luísa, e se ela está envolta pela escuridão, que motivo terei eu para andar a viver dias coloridos?

Sem filhos, sobrinhos ou outros parentes mais próximos, tem alguns primos muito fiéis que o visitam de vez em quando, trazendo-lhe os chocolates, que parecem ser o seu único, e assumido pecado.

– Ao princípio, quando nos demos conta de que a minha mulher não engravidava, ainda ficámos tristes, e chegámos a consultar um médico para nos ajudar com algum tratamento. Mas depois, vendo que nada acontecia, e até porque não existiam as técnicas de hoje, resolvemos assumir essa negação da natureza, passando a dedicar-nos à família que íamos encontrando nos amigos.

E reforça:

– São primos que não estão na árvore genealógica, mas que eu posso dizer, verdadeiramente, serem de sangue, tanto foi o dito que escorreu entre nós para nos manchar as mãos e a alma. Foram demasiadas as agruras que passámos juntos durante a guerra colonial, em Angola.

Tinha regressado a Portugal depois da revolução de abril de 1974, fixando-se na zona da Guarda, na pequena aldeia de onde a mulher era natural, e que ele adotou desde sempre como sua.

– Depois das memórias da guerra e dos horizontes de fogo nos dias no mato, aquelas montanhas reconciliaram-me comigo e com o Céu. Sem que consigamos dar-nos conta, e confundindo-os às vezes com dolorosos obstáculos, quiçá por andarmos distraídos e demasiado ocupados, são degraus, os montes que a vida vai colocando no nosso caminho. E enquanto me reconciliava, lá me fui, aos poucos, tornando um Beirão convicto – confessa-nos.

O António é dos três o mais animado e bem-disposto. Baixo, gordo e com uma barriga exuberante, que ele diz ter dado muito trabalho a construir, tem sempre uma estória ou uma piada para contar.

Embora adequando sempre as graças a determinadas ocasiões, é um facto de que não dispõe de um repertório muito variado, e nós até já poderíamos contar todas essas piadas em unísono. Só não o fazemos por vermos como ele desfruta das nossas gargalhadas, que nos esforçamos por serem tão intensas e espontâneas quanto na primeira vez.

– Sim, sou gordo, e com muita honra. Posso até dizer-vos

que, por ter uma afeição tao grande a esta barriga, até a prendo cuidadosamente com suspensórios, não vá ela querer escapar-se por aí, deixando-me como um triste lingrinhas sem graça absolutamente nenhuma.

Foi o mais novo de uma família de muitos filhos, de uma aldeia daqui, destas encostas do Douro, e é aquele que, de entre nós os três, recebe mais visitas, acabando sempre o fim de semana com uma regueifa que se propõe, generosamente, partilhar connosco num dos lanches que durante a semana fazemos em conjunto, aqui no meu pequeno espaço.

Não casou, e bastas vezes repete o porquê:

– De cada vez que um dos meus irmãos casava, a minha mãe ia ficando com mais disponibilidade de mimos para me dar, e apesar de eu ter tido uma mão cheia de namoradas, e algumas até muito bonitas e bem-parecidas, nenhuma delas se conseguia equiparar e predispor-se a prestar-me esse conforto que a minha mãe me oferecia, e que era feito de boa comida, carinhos e muito sossego. De modo que me fui deixando ficar...

E gosta de reforçar:

– Quem era a mulher, para além da minha santa mãe, que anuiria de forma pacífica ao meu pedido de aos fins de semana me despertar cedo... ali mais ou menos por volta do meio-dia?

Trabalhara desde pequeno numa repartição de finanças, e às vezes, um pouco mais à séria, confessa-nos que se foi deixando ficar assim, sozinho, porque os pais precisavam da sua companhia e dos seus cuidados.

– Apesar dos meus irmãos nunca nos terem deixado sós, porque me orgulho de sermos todos bastante unidos.

Depois do almoço, e sempre que se sentem com mais força, vêm passar a tarde comigo aqui no apartamento, e a conversa faz-se destas graças e da partilha das muitas memórias que fomos guardando desses sítios por onde andámos, e da gente com quem tivemos o privilégio de nos cruzar nas nossas já longas histórias.

Vidas de muitas vidas.

Acabamos, invariavelmente, a tomar um chá à hora do lanche, com ou sem a famosa regueifa, mas sempre com bolachas que trago da mercearia da aldeia, ou que o António pede descaradamente às empregadas, porque para isso tem muita arte e engenho.

Depois regressam aos seus aposentos, a fim de se prepararem para o jantar, refeição que eu tomo sempre na minha sala de estar.

Foi a minha sobrinha Ana Paula que me trouxe no seu carro pequeno, depois de uma transportadora ter trazido os pertences que eu selecionara e ajudara a empacotar, no meu apartamento de Lisboa, agora vazio e de janelas cerradas, por certo tão triste quanto eu por não poder olhar e sentir o Tejo que de longe o namora, contando notícias de toda a terra por onde passa.

E falando das suas melhores expectativas daquele tão próximo destino de ser mar. O imenso mar.

– O tio vai gostar muito do espaço e também do serviço. A assistente social foi muito simpática e demonstrou ser muito competente – repetiu a Ana Paula duas ou três vezes durante o trajeto feito de curvas e contracurvas nas encostas que miram o Douro.

– Mas vou ficar muito longe de casa, da minha rua, dos vizinhos, do senhor do quiosque, de todos os meus hábitos.

– Nós vivemos no Porto, bem mais perto deste paraíso de paisagens e sossego, não faria sentido que o tio ficasse sozinho em Lisboa. Aqui poderemos visitá-lo muitas vezes.

E reforçou:

– Para além do risco de estar sozinho em casa e não ter alguém que lhe preste socorro no caso de voltar a acontecer algo sério e desagradável relativamente à sua saúde, que não tem estado muito bem..

As muitas visitas resumem-se afinal a duas por ano, cumprindo a do cachecol, em dezembro, pelo Natal, e a visita do livro, no verão, em julho, por alturas do meu aniversário.

Mas é verdade que telefonam todas as semanas e eu sei que mantêm um contacto regular com a diretora e a assistente social da residência, inteirando-se do meu estado.

Gostava de os ver mais vezes para podermos conversar, partilhando com eles algumas das estórias de que me vou lembrando por entre estes dias imensos, mas sinto que tanto a Ana Paula, como o seu irmão, o João, que para além de sobrinho também é meu afilhado, nutrem uma elevada estima por mim, não se esquecendo nunca que eu existo.

Sou-lhes muito grato por isso, e é perfeitamente recíproco o sentimento, pois também lhes ofereço uma afeição enorme. Afinal, e dado que nunca tive filhos, são eles que me projetam para o privilégio de sentir que a minha genética não se esgota no fim da minha geração.

Olho o limoeiro generoso do pátio e nunca deixo de pensar que as unidades da vida são os momentos, sendo necessário viramos definitivamente as costas a alguns deles, cheios de gente e de ruído, para podermos regressar a nós, invertendo a marcha, e aproveitando tantas vezes, aquela mesma estrada que os nossos pés calcaram, dolorosamente, sob o peso imenso daquilo que poderá ter sido uma muito ingrata ilusão.

Uma pedra projetada sobre o sonho e sobre a vontade branca e limpa pode parecer um cais e um abraço, mas só até o sol succumbir ao cinzento tom das nuvens que prenunciam a tempestade. Nesse instante de chuva e de lucidez desmascaram-se os equívocos, e a pedra passa a ser aquilo que sempre foi: uma pedra.

Ainda que possa estar enfeitada de generosas flores e frutos na raiz onde beija a terra.

A vida é como o amor, e nunca nos pertence, ainda que às vezes, e por ser tão forte, cuidemos que sim.

Com uma existência que soluçou muito ao início, mas que depois se recompôs facultando-me meios para adquirir uma série muito respeitada de bens materiais, eu tenho, no entanto, absoluta certeza de que neste momento, nada é tão completamente meu quanto o silêncio deste caminhar de regresso

a mim pela estrada aonde as silvas já não são casas das amoras, e o perfume da esteva se apaga no incômodo intenso da sua resina que nos mancha as mãos, deixando-as a pegar.

O caminho de regresso de um amor é a lucidez por entre um olhar despido, aproveitando a rotunda onde alguém inventou uma estátua para “celebrar” essa estranha ilusão.

Mas eu sei que neste caminho de regresso a mim e ao silêncio, eu jamais serei o mesmo que passou ali quando o tempo ainda era azul, e talvez eu só tenha ido lá muito à frente buscar a perspectiva ideal para poder descobrir agora, a vereda pequena que se me oferece num quilómetro qualquer que eu nem sequer fixei.

Resta-me sacudir os pés, benzer-me a Deus que me espreita do ouro de uma giesta, e seguir caminho com toda a força de acreditar, tomando nota das palavras com as quais vou enfeitando, no pensamento, a música que levo no assobio. Viver é não ter medo de arriscar escolher todas as veredas que desconhecemos, só porque num determinado momento nos provocaram um arrepio.

Mesmo sabendo que o destino dos Homens, seja qual for a vida que nos assista, será acabar só e a falar com as sombras das árvores que nos fazem companhia.

II

Vivíamos os três numa casa de rés-do-chão quase à saída da Aldeia do Rio, naquela rua que, no seu último troço, se misturava e confundia com o imenso olival que era pertença do Senhor Januário. Não fora a estrada de terra batida que as mulheres percorriam no inverno, na altura da apanha do fruto maduro que acabaria no lagar, e poderia dizer-se que eu vivia num beco largo e muito abençoado pela generosidade do sol.

Na companhia da minha mãe e do meu pai, vivia numa espécie de refúgio amuralhado de onde nunca me apeteceu fugir, muito antes pelo contrário, buscava às vezes entre as oliveiras minhas vizinhas, e cúmplices, alguma poção secreta que me ajudasse a travar o tempo, fazendo com que eu jamais tivesse de crescer, fazer-me homem e sair dali.

Porque o meu pai, sem qualquer intuito de me importunar, contrariando esse propósito, repetia muitas vezes:

– Quando tu fores grande e partires sem medo, valente, e de malas feitas, por esse mundo fora...

De forma mais ou menos instintiva, e porque anteviam em mim um grande futuro, toda a gente assumia que ele não iria passar pela nossa terra, mas eu não queria partir, e a minha opção era ficar para sempre ali com eles os dois, e também com a minha querida avó Etelevina, mãe da minha mãe, que morava a uns cem metros de nós, no início da mesma rua.

O avô Felizardo, seu marido, partira há muitos anos, sem que eu tivesse qualquer hipótese de o conhecer. Herdei-lhe o nome para completar o Jacinto, que era, desde criança, a flor preferida da minha mãe.

Mas, de entre todos os herdeiros, sendo eu o único Felizardo, oficial e devidamente registado na conservatória, não